

ALESSANDRA BRANCO VALLEGAS

Desenho do produto

Título: Teatro Fórum _ uma ferramenta de Educação Permanente para os Agentes Comunitários de Saúde.

Definição: Consiste em uma ferramenta de EPS para os ACS por meio do teatro na qual a realidade, angústias e necessidades do cotidiano são problematizadas.

Objetivos do produto: Promover ações de EPS por meio do TF; promover transformações na relação entre os ACS e demais profissionais da equipe por meio da problematização do cotidiano.

Público-alvo: Profissionais de Saúde da Estratégia Saúde da Família, Agentes Comunitários de Saúde

Tipo: produção artística

Recursos necessários: um espaço para a encenação, ACS atores e espectadores, um profissional – coringa.

Âmbito de aplicação: Nacional

A construção de espaços participativos, inovadores, de escuta, de análise coletiva dos problemas do cotidiano das unidades se constitui em um desafio para as Políticas Públicas de Saúde e se configura como um dos maiores objetivos da Política de Educação Permanente em Saúde.

Para qualificar o trabalho dos ACS é preciso investir em sua formação em serviço, que esta tenha característica ser problematizadora e que vise transformações no processo de trabalho, na qualidade da atenção e no território. Para tanto, consideramos estas, como ações de EPS. Para a adoção da EPS diferentes propostas estão em curso no interior dos serviços. E nesta dissertação tomamos emprestada a técnica do Teatro Fórum, desenvolvida por Augusto Boal, como uma ferramenta de EPS para os ACS.

Esta aproximação se dá em virtude da EPS e do TF objetivarem transformações sociais no cotidiano. Diferentes conexões podem ser criadas entre teatro do oprimido e os processos de trabalho em uma unidade básica, de modo a permitir a inventividade

nos arranjos a partir do diálogo entre os atores sociais pertencentes a determinado contexto local. Esse diálogo deve ser potencializado numa perspectiva crítica de reinvenção, mudança e inovação, com o objetivo de que os indivíduos e coletividades possam atuar em melhorias.

O Teatro do Oprimido (TO) foi fundado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal. Consiste em uma proposta artística e pedagógica voltada para determinar atuação, debate, reflexão e transformação dos indivíduos e processos que se relacionam por meio da ação cênica. Nesta proposta, o lúdico e o político se relacionam e permitem possibilidades de aprendizado vivencial onde a divisão de papéis entre ator-espectador permite que todos os envolvidos participem ativamente das cenas e possam até mesmo transformá-las (TEIXEIRA, 2007).

O TO é composto por diferentes técnicas, as quais foram surgindo como respostas às demandas efetivas da realidade criando uma união que aumenta o seu poder transformador na medida em que se expande, uma vez que o horizonte dessa metodologia não é apenas o conhecimento da realidade, mas sim a transformação dela. (PARO, SILVA, 2018)

O método do TO ancora-se em dois princípios fundamentais: a transformação do espectador passivo, recipiente, depositário, em ‘espect-ator’, ou seja, o personagem principal da ação dramática, sujeito, criador, transformador; não se tratando apenas de refletir sobre o passado, mas também prospectar o futuro, isto é, deve-se transformar todas as situações vividas no espaço cênico em um ensaio para a transformação da realidade. (PARO, SILVA, 2018)

As técnicas teatrais são denominadas de teatro fórum, teatro imagem, teatro invisível, teatro jornal, arco-íris do desejo, teatro legislativo e ações diretas (BOAL, 2009 e 2013). Estas têm características distintas e podem ser utilizadas em diversas circunstâncias.

Para o trabalho de EPS junto aos ACS propomos a adoção do teatro fórum, a técnica de TO mais difundida. Esta prevê que a cena a ser apresentada seja baseada em fatos reais e que em certa medida seja composta por conflitos entre oprimidos e opressores.

Espera-se que a encenação deste conflito estimule a busca de soluções para o problema encenado. Nesse sentido, os ‘espect-atores’ são convidados a entrar, a interferirem na cena a fim de proporem outras soluções.

O objetivo desta proposta é trazer os profissionais para uma reflexão e ação diante do problema apresentado, permitindo que seja recriada a realidade. No TFórum, não existe um texto convencional, as ações são improvisadas, podendo propiciar o debate das questões públicas, estimular a criatividade e a capacidade da própria equipe em propor alternativas para as questões do cotidiano e, principalmente, mantendo a perspectiva da transformação.

Para a organização e a coordenação do TF existe a figura do curinga, artista-ativista em constante processo de aprendizagem que atua como facilitador do método. E para exercer sua função, deve conhecer os fundamentos éticos, políticos, estéticos, pedagógicos e filosóficos do método. O curinga também está apto a ministrar oficinas e cursos teóricos e práticos, orientar processos estéticos e produções, dirigir montagens de cenas e de espetáculos, facilitar diálogos teatrais, estimular e articular ações sociais concretas e continuadas, metodizar teoricamente a experiência da prática e contribuir para o desenvolvimento do método. (SANTOS, 2017. P 270)

Para o papel de curinga, é exigida a formação de profissional. No entanto, vale ressaltar que também é possível realizar tais ações por meio de outros arranjos, a formação de lideranças comunitárias que possam se tornar curingas em centros formadores de teatro do oprimido e desenvolver o método nos seus contextos locais ou o estabelecimento de parcerias com curingas para o desenvolvimento de projetos e ações. (PARO, SILVA, 2018)

Aplicabilidade do Teatro Fórum como ferramenta de EPS para os ACS é preciso considerar a existência de alguns elementos:

1. Coringa – Facilitador Preparado: O Coringa desempenha um papel liminar, lidando com os assuntos políticos, culturais, estético e artístico, ele desempenha a função de mediador. Pode ser o gestor, enfermeiro que implicará na mediação da ação realizada pelos demais;
2. Atores / Expectadores – Agentes Comunitários de Saúde;

3. Eleição do tema a ser discutido: os próprios profissionais deverão escolher um tema para ser encenado e discutido;
4. Fechamento: promover diálogo entre os sujeitos e vislumbrar o reposicionamento dos ACS junto aos demais integrantes da equipe.

Passo a passo:

- Eleger a data da atividade através da reunião com os Agentes Comunitários;
- Escolher um horário que seja permitido o encontro sem interrupções;
- Escolher um ambiente acolhedor, onde todos se sintam a vontade para exteriorizar seus sentimentos;
- Escolher quem será o coringa e conduzirá a ação, gerente, enfermeiro ou outro profissional que se sinta preparado;
- No dia escolhido ao início da proposta elencar o problema a ser encenado. Este pode ser oriundo das atividades diárias dos ACS, envolvendo ou não outras categorias;
- Definir quem será os atores (grupo 1) e os “expecto-atores”(grupo 2);
- Realizado a definição, seguem as orientações para os atores (grupo 1): definir os papéis de cada um, encenar através de teatro o problema escolhido de forma clara e objetiva ao fim da apresentação perguntar ao grupo (plateia / expecto-atores) se teriam uma outra ideia, se fariam diferente;
- Orientações para os “expecto-atores”: assistirem a ação e no momento em que são provocados a fazerem diferente, se organizarem entre si, e verificarem quais são as outras possibilidades para a ação apresentada. Nesta fase não precisa que todos participem, porém a construção precisa ser construída no coletivo;
- Após a decisão o grupo de atores reapresentam a ação e no momento ideal, o grupo 2 intervém, neste momento não precisa que todos participem, porém a construção precisa ser coletiva, os atores saem e os “expecto-atores” entram em ação demonstrando as novas possibilidades de desfecho da situação problema.

No que diz respeito à tomada de consciência, observa-se que a possibilidade de compreensão de si e do mundo a sua volta pelo teatro se dá pelo fato de este, por meio da prática técnicas teatrais, estimulam a discussão e a problematização de questões do cotidiano, tendo como objetivo maior reflexão sobre as relações de poder (TEIXEIRA, 2007).

O TF possibilita aos ACS definirem suas percepções perante ao trabalho exercido, o que incita um diálogo com o intuito de buscar alternativas de transformações da realidade. As experiências conflitantes devem ser a base para ampliar a eficácia deste diálogo provocando uma produção capaz de transmitir suas angústias e necessidades. Quando essa produção é fruto do cotidiano, da problematização, a compreensão do contexto social ganha potencialidade e valorização.

Na saúde, no campo dos ACS, esta técnica possibilitará a eleição dos problemas, sua representação e discussão, de modo a representar a mudança de cenário, colocando em prática novas possibilidades. Por meio dela, será possível repensarmos inúmeras situações, problematizando e criando estratégias de enfrentamento individual e coletivo, além de estimular os ACS a ocuparem espaços que até então por eles eram mais distantes, como reuniões técnicas.

. Assim, metodologias relacionais alternativas e novas sensibilidades, como o próprio teatro do oprimido, devem ser exploradas como dispositivos dialógicos que visam à formação consciente de sujeitos e mediação com a sua realidade social para a transformação social e coletiva (PARO, 2018).